



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGET
SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



Dinâmica da administração financeira de longo prazo nos setores de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e Calçados em Campina Grande – PB

Alex Dias Xavier
alexdiasx@hotmail.com
UFCG

Tales Nery Maia
talesnm@gmail.com
UFCG

Sídia Fonseca Almeida
sidia.almeida@gmail.com
UFCG

Resumo: Este artigo explana um estudo comparativo da gestão do capital de longo prazo nas empresas que formulam o setor de calçados e o setor tecnologia da informação e comunicação (TIC) na cidade de Campina Grande - PB, tendo o objetivo central à avaliação da gestão financeira no longo prazo com base nas Teorias da área de estudo. A pesquisa é de cunho bibliográfico, pois teve como embasamento os conhecimentos da literatura da área, sendo revisadas algumas pesquisas científicas realizadas nos devidos setores referenciados. A devida pesquisa também tem outro caráter metodológico, sendo esse, exploratório, descritivo e qualitativo-quantitativo. Os dados foram estudados sob a ótica da administração financeira e de alguns componentes básicos da estatística descritiva. Foi notória a semelhança entre os dois setores, onde em boa parte dos pontos essenciais sobre o tema estudado foram similares, sendo em poucos pontos divergentes. Mas o setor de TIC evidencia uma tendência de expansão por causa dos produtos e serviços que são relativamente novos e com o ciclo de renovação rápido devido o ramo de atividade.

Palavras Chave: Gestão financeira de - Setor de calçados - Setor de tecnologia - -



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



1. INTRODUÇÃO

Este artigo versa sobre uma pesquisa bibliográfica resultante em uma análise comparativa sobre a composição do capital de longo prazo de algumas empresas, bem como sobre a influência dessas políticas na economia local, enfatizando o setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e o setor produtivo de Calçados na cidade de Campina Grande – PB. Tem como objetivo realizar um estudo comparativo entre os setores de Calçados e de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) na referida cidade, tendo como base a gestão financeira de longo prazo. A pesquisa tem como justificativa analisar a gestão financeira de longo prazo nos dois setores no momento que o estudo foi realizado e sua importância está relacionada aos setores, pois os mesmos tem grande destaque na cidade em que a pesquisa foi realizada exprimindo distribuição de renda e emprego.

O setor calçadista brasileiro tem evidência tanto no âmbito nacional, quanto numa perspectiva internacional, uma vez sendo produtor e exportador do material produzido, ficando atrás apenas de países como China e Itália. Os seus pontos fortes são a qualidade, os prazos de entrega do produto e a inovação de acordo com a moda, o que resulta em alto valor agregado dos artigos produzidos.

Um fator de destaque do setor é o elevado nível tecnológico das operações, o qual propicia ganhos na qualidade e produtividade, o que resulta em um maior poder de competitividade e expansão no mercado exterior. Grande parte desses resultados provém do Nordeste brasileiro, destacando-se o estado da Paraíba, no qual destaca-se a cidade de Campina Grande.

É notório que a localização estratégica da cidade é favorável, devido à proximidade com os demais estados do Nordeste, que são grandes consumidores, o que favorece o atendimento do mercado, tanto no litoral, quanto no interior dos mesmos. Outro fator de destaque é a disponibilidade da mão-de-obra especializada e barata, o que diminui os custos das operações.

Já no setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) os ramos de atuação das empresas são variados, as quais atuam como desenvolvedoras e comercializadoras de *hardware* e *software*, assim como prestadoras de serviços. Esse segmento também destaca-se nacional e internacionalmente, tendo como exemplos as empresas nacionais que destacam-se em eventos globais, ganhando premiações. O desenvolvimento desse setor é notável quando considerado o crescimento exponencial de sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

Em Campina Grande esse setor também tem destaque pela crescente participação na produção nacional. Outro ponto pertinente é a mão-de-obra qualificada presente no município, visto que a maior parte das empresas trabalha com colaboradores de nível educacional superior completo e incompleto.

Embora a expressividade dos setores de calçados e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) da cidade de Campina Grande seja bastante positiva, o bom desempenho organizacional não é algo certo, caso não haja uma gestão financeira corporativa eficiente e adequada ao cenário no qual a empresa está inserida. Assim, reforça-se a importância desse estudo comparativo, que se aplica em uma perspectiva econômico-financeira no longo prazo de dois setores com grande representatividade na economia local.



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA NO APOIO ÀS DECISÕES

De acordo com Assaf Neto (2010), a gestão financeira é um campo de estudo teórico e prático que busca proporcionar uma maior produtividade no que se refere à captação e alocação de recursos financeiros. Assim, a administração financeira é responsável pela problemática de escassez de recursos, condições operacionais e o cotidiano financeiro das organizações. Tem, portanto, a sua atuação em um campo amplo e complexo, exigindo do seu gestor conhecimentos técnicos e capacidade de sentir e precisar os resultados através do uso de diversos instrumentos.

Segundo Assaf Neto (2006), existe três decisões a serem tomadas pelo administrador financeiro, sendo essas: decisão de investimentos, decisão de financiamento e decisão de dividendo. A primeira se diz nas aplicações de recursos, a segunda é referente a captação de recursos e por fim, a terceira está relacionado a distribuição de recursos líquidos de uma organização, sendo incluída na área de financiamento, pois torna-se em uma alternativa para financiar as atividades.

De acordo com os conceitos de Ross, Westerfield e Jordan (2000), os objetivos financeiros das organizações são baseados em três pilares básicos: estrutura de capital, que tem por objetivo identificar as mais viáveis fontes de recursos para investir nas melhores opções de projetos; administração de capital de giro, que objetiva a boa gerência das atividades operacionais da empresa e; por fim, orçamento de capital, que visa alcançar as melhores fontes de aplicação do capital, através dos projetos que proporcionem melhores retornos.

2.2 PROJETOS DE INVESTIMENTO

De acordo com Matias (2007), é essencial que os investimentos sejam realizados constantemente no intuito de estabelecer as vantagens competitivas. Assim, os projetos de investimento devem ser planejados considerando a real possibilidade de colocar em prática o planejamento estratégico, considerando o orçamento de capital da organização. Dando continuidade ao processo, devem-se usar técnicas oferecidas pela ciência da administração financeira, no intuito de concretizar o melhor investimento e avaliar os projetos que foram elaborados, avaliando a relação risco e retorno que eles poderão apresentar.

Segundo Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2005), de acordo com a sua origem, os projetos de investimentos podem ser assim classificados: decisões de substituição, que dizem respeito à inovação tecnológica ou mesmo a redução de custos; decisões de expansão, relacionadas aos investimentos que interferem diretamente no aumento da produtividade; e arrendamento ou aquisição, referentes a decisões de investimento que as organizações usam para determinados bens fixos sob a forma de arrendamento.

Para Souza e Clemente (2001) a tipologia de investimentos poderá ser exposta de seguinte forma: independentes, quando os projetos não são necessariamente excludentes, dois ou mais projetos podem ser escolhidos sem que um afete o outro; mutuamente excludentes, quando a escolha de um elimina a ocorrência de um ou vários



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPOSIO DE EXCELENCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



projetos; e, por fim, dependentes, quando a decisão a respeito de um projeto interfere no andamento nos demais projetos da carteira de investimentos.

2.3 MÉTODOS DETERMINÍSTICOS PARA A ANÁLISE DE INVESTIMENTOS

Segundo Correia Neto (2007), “As técnicas de análise de investimentos são métodos para avaliar se esses investimentos de retornos positivos ou negativos, levando, portanto, à aceitação ou rejeição do projeto de investimento.” Dessa forma, os métodos de *Payback*, Valor Presente Líquido (VPL), Índice de Rentabilidade (IR), Valor Anual Uniforme Equivalente (VAUE), Taxa Interna de Retorno (TIR), dentre outros, visam trazer maior clareza para o investidor no momento de direcionar os recursos financeiros.

- Valor Presente Líquido (VPL)

Segundo Assaf Neto (2006, p.319): “A medida do valor presente líquido é obtida pela diferença entre o valor presente dos benefícios líquidos de caixa, previstos para cada período do horizonte de duração do projeto, e o valor presente do investimento.”

De acordo com Ross, Westerfield e Jordan (2000), o VPL representa a diferença entre o valor de mercado de investimento e seu custo, onde a aceitação do projeto dependerá do resultado do VPL. Sendo positivo, aceita-se o projeto. Caso contrário, será um prejuízo para a empresa, então, rejeita-se o projeto. Quando o VPL for nulo, será indiferente a sua escolha.

Gitman (2004) considera que o método leva em conta o valor do dinheiro no tempo e se desconta uma taxa estipulada dos fluxos de caixa de cada projeto da empresa, sendo essa taxa descontada um retorno mínimo de cada projeto para que não seja alterado o valor da empresa no mercado.

- Taxa Interna de Retorno (TIR)

Segundo Correia Neto (2007, p. 152), “A TIR é a taxa de desconto que faz com que o somatório dos valores presentes das entradas de caixa se iguale com o somatório dos valores presentes das saídas de caixa.” Dessa forma, a Taxa Interna de Retorno é a taxa que faz com que o Valor Presente Líquido (VPL) seja nulo. Pelo método da TIR, um projeto de investimento deve ser aceito quando a sua TIR for maior que a Taxa Mínima de Atratividade ou Custo de Capital ou, ainda custo de oportunidade.

Segundo Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2005), essa taxa é conhecida como interna, pois depende dos fluxos de caixa de cada projeto e não das taxas ofertadas pelo mercado. Na ótica dos autores quanto maior a TIR melhor será o devido projeto. Considerando esse ponto, então, se TIR for maior que o custo de capital, aceita-se o projeto, caso contrário, rejeita-se o projeto. (GITMAN, 2004).

- Índice de Rentabilidade (IR)

Segundo Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2005, p. 160): “Índice de rentabilidade é o índice que mede o número de vezes que as entradas de caixa descontadas cobrem o investimento realizado no projeto.” Igualmente ao VPL, é um método que leva em consideração os fluxos de caixas descontados, segundo os autores quanto maior o índice melhor será o referido projeto. Esse índice informa o número de



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



vezes em que o investimento retorna para a empresa gerando riquezas para a mesma, então, se o IR for maior que 1 aceita-se o projeto, se for igual 1, também aceita-se o projeto e se IR for menor que 1 rejeita-se o projeto.

- Valor Anual Uniforme Equivalente (VAUE)

Para Gitman (2001, p.355), “o Valor Anual Uniforme Equivalente (VAUE) é uma técnica para avaliar projetos com vidas desiguais que transforma o Valor Presente Líquido de projetos de vidas desiguais, mutuamente excludentes, num montante anual equivalente (em termos de VPL) que pode ser usado para escolher o melhor projeto.” Também pode-se chamar o VAUE de Valor Presente Líquido Anualizado, pois este consiste em encontrar uma série anual uniforme que equipare o fluxo das receitas e despesas dos investimentos descontado à Taxa Mínima de Atratividade (TMA). Considera-se, pois, o melhor projeto aquele que tiver o maior saldo positivo entre as alternativas.

Como interpretação dos resultados dos cálculos do VAUE pode-se afirmar: VAUE > 0, aceita-se o projeto; VAUE = 0, situação de indiferença; VAUE < 0, rejeita-se o projeto.

2.4 CUSTO DE CAPITAL

De acordo com Gitman (2004, p. 402): “O custo de capital é a taxa de retorno que uma empresa deve conseguir nos projetos em que investe para manter o valor de mercado de sua ação.” Funcionando como vínculo essencial entre decisões de investimentos de longo prazo de uma organização, gerando riqueza para os proprietários da mesma, ou seja, um ponto crucial onde pode gerar aumento ou redução da ação ou riqueza da empresa.

Os financiamentos de longo prazo têm como base os investimentos em ativos das empresas, sendo determinados pelas adequadas técnicas de elaboração de orçamento de capital. O custo específico de cada fonte do financiamento é o próprio custo depois do Imposto de Renda, GITMAN (2001).

Segue a fórmula do custo de capital de acordo com Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2002):

$$\text{Custo de Capital} = \frac{\text{Juros} + \text{Dividendos}}{\text{Capital de Terceiros} + \text{Capital Próprio}}$$

- O custo de capital de terceiros de longo prazo (K_i)

O custo de capital de terceiros é determinado de acordo com os passivos onerosos identificados pelos empréstimos e financiamentos sustentados pela empresa. Considera-se o custo hoje após o Imposto de Renda para captar fundos de longo prazo através de empréstimo GITMAN (2004). O Custo antes do Imposto de Renda é encontrado deduzindo a tributação do próprio Imposto de Renda, como apresentado na seguinte fórmula:

$$K_i = K_d \times (1 - T)$$

K_i = Custo após o Imposto de Renda

K_d = Custo antes do Imposto de Renda



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



T = Alíquota de imposto

- Custo dos lucros retidos (K_r)

O Custo dos Lucros Retidos é caracterizado pelo retorno exigido pelos acionistas sobre o capital próprio conseguido através da retenção de uma parte dos lucros da empresa. Esse tipo de custo deve ser igual ao custo das ações ordinárias (GITMAN, 2004). Através da detenção desses lucros, a organização deve assegurar aos acionistas um retorno igual ao seu custo de oportunidade.

Segundo Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2002, p. 222): “Custos dos lucros retidos, K_{lur}, é o retorno que os acionistas exigem sobre o capital próprio obtido através da retenção de parte dos lucros gerados pela empresa.” A seguir a fórmula do devido custo na ótica dos referidos autores:

$$K_{lur} = K_{ao}$$

Onde: K_{ao} é o custo de oportunidade

- Custo Médio Ponderado de Capital (CMPC)

Esse tipo de custo implica na taxa de atratividade da empresa, que significa a remuneração mínima que deve ser exigida na alocação de capital buscando dessa forma o valor mais alto possível de mercado da corporação. Dessa forma, o Custo Médio Ponderado de Capital (CMPC) explica o futuro custo médio esperado dos fundos no longo prazo, sendo encontrado através da ponderação do custo de cada tipo específico de capital pela sua proporção na estrutura financeira da organização (GITMAN, 2004).

De acordo com o ponto de vista de Gitman (2004), vem a seguir a equação para a obtenção do custo médio ponderado.

$$K_a = (W_i + K_i) + (W_p + K_p) + (W_s + K_r \text{ ou } n)$$

Onde:

W_i = proporção de capital de terceiros de longo prazo na estrutura de capital

W_p = proporção de ações preferencias na estrutura de capital

W_s = proporção de capital próprio na estrutura de capital

$$W_i + W_p + W_s = 1,0$$

2.5 ESTRUTURA DE CAPITAL DE EMPRESA

De acordo com Correia Neto (2007, p. 188), “A estrutura de capital de uma empresa é a composição de suas fontes de financiamento, formadas por capital de terceiros (dívidas exigíveis) e capital próprio (patrimônio líquido).” A importância da avaliação da estrutura de capital está relacionada diretamente com a escolha da melhor proporção de cada fonte de capital da corporação.

Segundo Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2002, p. 235): “Estrutura ótima de capital é a combinação de todas as fontes de financiamento de longo prazo que maximize o valor das ações da empresa.” Dessa forma, os gestores financeiros devem



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



escolher a estrutura de capital que indica a melhor forma de obter a maximização dos recursos para a empresa, ou seja, a mais positiva para os proprietários e acionistas.

No cotidiano empresarial, as organizações se defrontam com novos projetos, novos desafios e novos negócios, os quais necessitam de captação de recursos financeiros. Suprindo essa necessidade de captação de recursos, as organizações usam várias fontes para o financiamento de suas operações. Deste modo, são avaliadas neste processo as condições gerais da economia, o mercado financeiro, as decisões operacionais e financeiras, bem como o dimensionamento dos recursos a serem financiados e escolha da estrutura de capital. Uma vez detectada a importância dos recursos próprios e de terceiros na estrutura de capital numa organização, serão expostas as principais características desses dois recursos.

No capital de terceiros os juros pagos são dedutíveis para fins de imposto de renda, trazendo dessa forma um benefício adicional no uso desse tipo de recurso. Deixando de cumprir as obrigações provenientes das dívidas, sendo capaz de resultar em falência, além de poder ser um custo adicional decorrente da utilização desse tipo de capital.

Já como características marcantes do capital próprio pode-se destacar a permanência do mesmo na empresa por períodos indefinidos. As duas principais fontes dessa alternativa são as ações preferenciais e patrimônio líquido.

Finalmente, Correia Neto (2007, p.189) define estrutura ótima de capital como sendo “uma composição de capitais próprios e de terceiros no financiamento da empresa que oferece a ela um menor custo de capital possível”. Assim, o gestor financeiro deve buscar a combinação perfeita entre os recursos maximizando o valor para a empresa e minimizando os custos que ela venha a se deparar. A estrutura ótima de capital almeja alcançar dois objetivos: maximizar o valor das ações e minimizar o custo de capital. Dessa maneira, esses objetivos estão atrelados, pois, se existe a redução de custo de capital a empresa poderá aprovar mais projetos que aumentem a sua riqueza (GITMAN, 2004). Ainda vale ressaltar que essa estruturação ótima está exposta a importância da relação risco e retorno.

3. METODOLOGIA

De acordo com Vergara (2004), identificam-se os tipos de pesquisas e os separa em dois grupos: a pesquisa quanto aos fins e a pesquisa quanto aos meios. Quanto aos fins, foi realizada uma pesquisa descritiva, cujo objetivo é descrever os fenômenos ocorridos de acordo com a temática estudada e levando em consideração um espaço de tempo determinado.

Já no tocante aos meios, o estudo realizado pode ser considerado uma pesquisa bibliográfica, pois fundamenta-se na revisão literária fundamentada em livros, artigos e sites da Internet e, em especial, no estudo detalhado e comparativo dos resultados de pesquisa apresentados pelas obras de Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Levando em consideração os fatores mais importantes de acordo com o objetivo principal do estudo, são apresentados os resultados da pesquisa. Na primeira parte, são demonstradas peculiaridades das amostras dos setores de Calçados e Tecnologia da



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



Informação e Comunicação (TIC). Em seguida, será exibida a caracterização dos investimentos e financiamentos de longo prazo.

4.1 PERFIL DAS EMPRESAS

- Cargo do Entrevistado

No setor de calçados grande parte da amostra entrevistada constitui-se do cargo sócio/proprietário, representando 69,24%. Já o restante é dividido igualmente (15,38%) para os cargos de gerente e outros.

No setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) a grande parte dos entrevistados também corresponde ao cargo de sócio/proprietário, equivalente a 65,38%. Já o cargo de gerente vem em segundo lugar, com 30,77% e, por fim, outros, ocupando 3,85% do total dos entrevistados. Os dados estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Cargo do entrevistado.

Setor de Calçados			Setor de TIC		
Cargo	Nº	%	Cargo	Nº	%
Sócio / Proprietário	9	69,24	Sócio / Proprietário	17	65,38
Gerente	2	15,38	Gerente	8	30,77
Outros	2	15,38	Outros	1	3,85

Fonte: Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).

- Tempo de atuação das empresas

No setor de calçados obteve o resultado percentual nulo nas empresas com o tempo de atuação de menos dois anos, mas o de maior destaque foi o tempo de mais de 10 anos com 53,85%, com o espaço de tempo entre 2 a 5 anos foi constatado 15,38% das empresas. Já na faixa de 5 a 10 anos 30,77% das organizações estudadas que corresponde a essa faixa etária.

No setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) as empresas que atuam com menos de 2 anos corresponde a 15,39% do total, já faixa etária de 2 a 5 anos o percentual foi de 38,46%, na outra faixa etária de 5 a 10 anos se teve o percentual de 26,92%. Por fim, os de mais de 10 anos foi constatado o valor de 19,23%.

Tabela 2: Tempo de atuação das empresas.

Setor de Calçados			Setor de TIC		
Tempo de Atuação	Nº	%	Tempo de Atuação	Nº	%
Menos de 2 anos	0	0,00	Menos de 2 anos	4	15,39
De 2 a 5 anos	2	15,38	De 2 a 5 anos	10	38,46
De 5 a 10 anos	4	30,77	De 5 a 10 anos	7	26,92
Mais de 10 anos	7	53,85	Mais de 10 anos	5	19,23

Fonte: Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).

- Existência de filiais

No setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) 88,46% das empresas não possui filial, já 7,69% é filial de outra empresa e 3,85% possui filial. No setor de calçados se destacando também as empresas que não possui filial formando o



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



percentual de 76,92%, já são filiais não houve resultado percentual e 23,08% das empresas possui filial.

Tabela 3: Existência de Filiais.

Setor de Calçados			Setor de TIC		
Respostas	Nº	%	Respostas	Nº	%
Possui filial	3	23,08	Possui filial	1	3,85
Não possui filial	10	76,92	Não possui filial	23	88,46
Já é filial	0	0,00	Já é filial	2	7,69

Fonte: Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).

- Número de funcionários

No setor de calçados a maioria expressiva de 69,24% corresponde às empresas que possuem de 10 a 49 funcionários, sendo igual o percentual nos intervalos de até 9 funcionários e de mais de 99 funcionários (7,69%). Já na faixa de 50 a 99 funcionários nota-se o percentual de 15,38%.

No setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) a grande maioria (88,46%) corresponde às empresas que tem até 9 funcionários e o restante do percentual (11,54%) possuem de 10 a 49 funcionários.

Tabela 4: Número de Funcionários.

Setor de Calçados			Setor de TIC		
Número de Funcionários	Nº	%	Número de Funcionários	Nº	%
Até 09 funcionários	1	7,69	Até 09 funcionários	23	88,46
De 10 a 49 funcionários	9	69,24	De 10 a 49 funcionários	3	11,54
De 50 a 99 funcionários	2	15,38	De 50 a 99 funcionários	0	0,00
Mais de 99 funcionários	1	7,69	Mais de 99 funcionários	0	0,00

Fonte: Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).

- Receita operacional bruta

No setor de calçados 85% das organizações estudadas responderam que a sua receita operacional bruta é de até R\$ 1,2 milhão. 15% disseram que a sua receita é entre R\$ 1,2 milhão e R\$ 10 milhões e o restante optou por não responder.

No setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) não foi tão diferente. A grande maioria respondeu que sua receita é de até R\$ 1,2 milhão, formando 96,15% da amostra. Já o restante (3,85%) das empresas afirmou ter receita entre R\$ 1,2 milhão e R\$ 10 milhões. As demais empresas optaram por não fornecer respostas.

Tabela 5: Receita Operacional Bruta.

Setor de Calçados			Setor de TIC		
Respostas	Nº	%	Respostas	Nº	%
Até R\$ 1,2 milhão	11	84,62	Até R\$ 1,2 milhão	25	96,15
Entre R\$ 1,2 milhão e R\$ 10 milhões	2	15,38	Entre R\$ 1,2 milhão e R\$ 10 milhões	1	3,85
Entre R\$ 10,5 milhão e R\$ 60 milhões	0	0,00	Entre R\$ 10,5 milhão e R\$ 60 milhões	0	0,00
Acima de R\$ 60 milhões	0	0,00	Acima de R\$ 60 milhões	0	0,00

Fonte: Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



- Estrutura de Capital

Nesse ponto há uma grande semelhança entre as empresas dos dois setores, as quais usam capital nacional na sua estrutura, ou seja, 100% para ambos os setores.

Tabela 6: Estrutura de Capital.

Setor de Calçados			Setor de TIC		
Respostas	Nº	%	Respostas	Nº	%
Capital nacional	13	100,00	Capital nacional	26	100,00
Capital estrangeiro	0	0,00	Capital estrangeiro	0	0,00
Capital misto	0	0,00	Capital misto	0	0,00

Fonte: Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).

- Tipos de projetos de investimento, de acordo com a sua origem

No setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) a combinação dos investimentos dos dois tipos são os mais representativos, chegando a corresponder à metade da amostra, enquanto no setor de Calçados o tipo de investimento que se destaca é o de expansão, correspondendo a 46,15% da amostra. Ainda no setor de Calçados, os outros investimentos se dão dessa forma: os de substituição equivalem a 23,08% e a combinação dos dois tipos corresponde a 30,77%.

Continuando no setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), o investimento de substituição é formulado por 26,92%, já o de expansão é de 19,23%.

Tabela 7: Tipos de Investimentos de Longos Prazos Mais Praticados pelas Empresas.

Setor de Calçados			Setor de TIC		
Repostas	Nº	%	Repostas	Nº	%
Investimento de Substituição	3	23,08	Investimento de Substituição	7	26,92
Investimento de Expansão	6	46,15	Investimento de Expansão	5	19,23
Dois tipos de Investimentos	4	30,77	Dois tipos de Investimentos	13	50,00
A Empresa Não Realiza Investimentos	0	0,00	A Empresa Não Realiza Investimentos	1	3,85

Fonte: Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).

- Tipos de projetos de investimentos, de acordo com a sua natureza

No setor de Calçados 69,23% das empresas estudadas investem em projetos dependentes, enquanto 30,77% investem em projetos independentes, não havendo opções de escolha entre projetos mutuamente excludentes. Já no setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) os projetos independentes correspondem à maioria das respostas (53,85%). As decisões de investimento dependentes são equivalentes a 42,30% das respostas, expressando bastante representatividade. Por fim, 3,85% das empresas (uma empresa) não realizam investimentos de longo prazo.

Tabela 8: Tipos de Projetos de Investimento.

Setor de Calçados			Setor de TIC		
Repostas	Nº	%	Repostas	Nº	%
Projetos Independentes	4	30,77	Projetos Independentes	14	53,85



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



Projetos Dependentes	9	69,23	Projetos Dependentes	11	42,30
Projetos Mutuamente Excludentes	0	0,00	Projetos Mutuamente Excludentes	0	0,00
Não Realiza Investimentos de Longo Prazo	0	0,00	Não Realiza Investimentos de Longo Prazo	1	3,85

Fonte: Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).

- Composição da estrutura de capital da empresa

Nota-se que há uma semelhança entre os dois setores. Em ambos, boa parte da amostra afirma que o capital prevalecente é o capital próprio. Ou seja, no setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) o percentual de 92,31% dos respondentes declara ser prevalecente o capital próprio. Já no setor de Calçados 76,92% dos respondentes apontam a mesma resposta.

No setor de Calçados os 23,08% restantes optam pela combinação igual de capital próprio e de terceiros. No setor de TIC, apenas 7,69% dos respondentes fazem a mesma afirmação.

Tabela 9: Composição da Estrutura de Capital da Empresa.

Setor de Calçados			Setor de TIC		
Respostas	Nº	%	Respostas	Nº	%
Capital Próprio (que mais prevalece)	10	76,92	Capital Próprio (que mais prevalece)	24	92,31
Capital de Terceiros (que mais prevalece)	0	0,00	Capital de Terceiros (que mais prevalece)	0	0,00
Combinação dos dois (50% para cada)	3	23,08	Combinação dos dois (50% para cada)	2	7,69

Fonte: Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).

- Condições de acesso às linhas de financiamento das instituições financeiras do país

Iniciando com o setor de Calçados, foi observado que razoável e difícil tiveram o mesmo valor percentual (38,46%), enquanto muito difícil corresponde a 23,08% e as outras opções formaram percentual nulo.

Enquanto no setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) a opção difícil teve o maior valor percentual (46,15%), acompanhado por muito difícil com 30,77%, razoável com 15,39% e fácil com 7,69% do número de empresas estudadas.

Tabela 10 - Condições de Acesso às Linhas de Financiamento das Instituições Financeiras do País.

Setor de Calçados			Setor de TIC		
Respostas	Nº	%	Respostas	Nº	%
Muito Fácil	0	0,00	Muito Fácil	0	0,00
Fácil	0	0,00	Fácil	2	7,69
Razoável	5	38,46	Razoável	4	15,39
Difícil	5	38,46	Difícil	12	46,15
Muito Difícil	3	23,08	Muito Difícil	8	30,77

Fonte: Pereira da Silva (2005) e Duarte, França e Almeida (2006).



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado evidenciou que o setor de Calçados tem um grande nível de maturidade, pois mais da metade das empresas pesquisadas atuam no mercado há mais de 10 anos. Já o setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) é diferente, visto que boa parte das empresas atua no mercado há mínimo 2 e no máximo 5 anos, o que demonstra pouco tempo de estabilidade.

No tocante à existência de filiais, em ambos os setores foi perceptível a existência mínima de filiais por parte das organizações. No setor calçadista apenas 76,92% da amostra possui filial, enquanto no setor de TIC o percentual é de 88,46%.

Quanto ao número de funcionários, no setor de calçados 69,24% da amostra tem no mínimo 10 e no máximo 49. Já o setor de TIC mostra que as suas empresas trabalham com um quadro reduzido de colaboradores, visto que 88,46% delas possuem até 9 funcionários.

Vale ressaltar, no quesito receita operacional bruta, que os dois setores encontram-se praticamente no mesmo patamar. O setor de TIC apresenta 96,15% das empresas com receita operacional bruta de até R\$ 1,2 milhão. No setor de calçados os números não são diferentes, visto que o número de empresas que assinalaram a mesma opção é de 84,62%.

No tópico estrutura de capital os dois setores também apresentam semelhança, pois ambos utilizam capital nacional em 100% para as suas atividades. Nos tipos de investimentos de longo prazo o mais utilizado pelo setor calçadista é o investimento de expansão (46,15%). Já no setor de TIC o investimento mais utilizado tem como característica a combinação dos investimentos de expansão e de substituição, chegando a 50% dos investimentos.

No que se referem aos tipos de projetos de investimentos, no setor de TIC 53,85% predominam os projetos de decisões independentes, enquanto no setor calçadista 69,23% das organizações afirmaram praticar decisões dependentes.

Em relação à estrutura de capital da empresa, percebe-se que na maioria das empresas do setor calçadista (76,92%) prevalece o capital próprio. No setor de TIC não é diferente, pois 92,31% das empresas afirmaram utilizar o capital próprio para os seus projetos de investimento de longo prazo.

Considerando as condições de acesso às linhas de financiamento das instituições financeiras oficiais no Brasil, as empresas entrevistadas de ambos os setores declararam que o acesso ao crédito oficial não é fácil. No setor calçadista os entrevistados optaram, na sua grande maioria, pelas condições razoável e difícil, sendo 38,46% para cada uma. Já boa parte das organizações do setor de TIC (46,15%) considera esse tipo de acesso como difícil.

De modo geral, pode-se afirmar que o setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) tende mais à expansão que o setor de Calçados. Tal tendência é confirmada pela evidência de que os produtos e serviços inerentes ao setor são relativamente novos e que os mesmos tem seu ciclo de renovação mais rápido em uma perspectiva nacional, estadual e regional do que os produtos oriundos do setor calçadista.

Acentuando essa comparação, pode-se notar que o perfil dos gestores é diferente nos dois setores, uma vez que o gestor de TIC tende a ser mais aberto e inovador diante



28 · 29 · 30
de OUTUBRO

XII SEGeT
SIMPOSIÓ DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA
TEMA 2015
Otimização de Recursos e Desenvolvimento



das mudanças, cada vez mais velozes. Enquanto isso, o setor de calçados, estando há mais tempo no mercado é ainda caracterizado pelo seu caráter tradicional, o que interfere diretamente na gestão de capital dos dois setores.

O faturamento entre as empresas são muito semelhantes. No entanto, o setor de TIC mostra-se mais eficiente, pois consegue os mesmos números que o setor de calçados, porém com um número menor de empresas, além de um quadro de funcionários reduzido. Todavia, apesar de se tratar de um setor em plena expansão e sem a necessidade de um espaço físico avantajado, o setor de TIC ainda sente dificuldades no financiamento das suas atividades no longo prazo.

Sendo a situação parecida no setor Calçadista, já que o mesmo julga difícil a captação deste tipo de financiamento. Esta posição das empresas dos dois setores assume patamares cada vez mais críticos quando é considerado que elas trabalham somente com recursos financeiros nacionais, na tentativa de impulsionar o desenvolvimento nacional e local. A carência desse apoio governamental pode, pois, resultar em uma migração das empresas desses setores para outras regiões do país.

REFERÊNCIAS

- ASSAF NETO, A.** Finanças Corporativas e Valor. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2010.
- ASSAF NETO, A.** Finanças Corporativas e Valor. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 2006.
- CORREIA NETO, J. F.** Excel para Profissionais de Finanças: Manual Prático. Rio de Janeiro: Elsevier, 5ª Reimpressão, 2007.
- DUARTE, C. L. G.; FRANÇA, N. R. C.; ALMEIDA, S. F.** Perfil dos Investimentos e do Financiamento de Longo e Curto Prazo nas Empresas Produtoras de Calçados em Campina Grande – PB. PIBIC/CNPq/UFCC, 2006.
- GITMAN, L. J.** Princípios da Administração Financeira. 10ª Edição. São Paulo: Addison Wesley, 2004.
- GITMAN, L. J.** Princípios da Administração Financeira: Essencial. 2ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- LEMES, J.; RIGO, C. M.; CHEROBIM, A. P. M. S.** Administração Financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- LEMES, J.; RIGO, C. M.; CHEROBIM, A. P. M. S.** Administração Financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- MATIAS, A. B.** Finanças Corporativas de Longo Prazo: Criação de Valor com Sustentabilidade Financeira. São Paulo: Atlas, 2007.
- PEREIRA DA SILVA, J. C.** Perfil do Investimento e Financiamento nas Empresas de Tecnologia da Informação em Campina Grande – PB. 166. Fl. Relatório de Estágio Supervisionado (Curso de Bacharelado em Administração). Universidade Federal de Campina Grande, 2005.
- ROSS, S. A.; WESTERFIELD, R. W.; JORDAN, B. D.** Princípios de Administração Financeira. 2º Edição. São Paulo: Atlas, 2000.
- SOUZA, A.; CLEMENTE, A.** Decisões Financeiras e Análise de Investimento. 3ª Edição. São Paulo: Atlas, 2001.
- VERGARA, S. C.** Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2004.